

FUNCIONALISMO E ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMÁTICA

Ivo da Costa do ROSÁRIO*
Mariangela Rios de OLIVEIRA**

- RESUMO: Este artigo apresenta, discute e exemplifica os rumos da pesquisa funcionalista em sua orientação mais recente, no diálogo com os estudos cognitivistas. Fruto dessa interrelação, destaca-se a abordagem construcional da gramática, na ênfase do pareamento função x forma que marca as expressões linguísticas. Além de apontar os ganhos teórico-metodológicos que tal diálogo tem trazido no âmbito do Funcionalismo, o artigo faz referência também às especificidades de ambas as vertentes teóricas e aos ajustes necessários a fim de que possam ser desenvolvidas pesquisas nessa interface. O tratamento da gramática em perspectiva holística e o rigor na detecção de propriedades de sentido e estrutura que marcam os usos linguísticos são considerados vieses positivos e promissores da pesquisa funcionalista de abordagem construcional.
- PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo. Construcionalização. Mudança construcional. Cognitivismismo.

Introdução

Nos últimos anos, a interface Funcionalismo x Cognitivismismo tem despertado a atenção de um número cada vez maior de pesquisadores. O diálogo entre essas correntes de investigação linguística tem produzido um profícuo corpo teórico e propiciado inúmeras análises empíricas bastante robustas e com crescente nível de aprofundamento.

Este artigo, em quatro seções, apresenta o estado atual dessa questão, com base em dados do português. Na primeira seção, intitulada *Funcionalismo e Cognitivismismo*, delineamos as versões clássica e contemporânea do Funcionalismo de vertente norteamericana, com especial atenção para o fenômeno da mudança linguística. É possível verificar como os estudos funcionalistas partiam de trajetórias atômicas: do léxico para a gramática ou do menos gramatical para o mais gramatical. Com o tempo, aos

* UFF - Universidade Federal Fluminense. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Niterói - Rio de Janeiro - Brasil. 24210-201 - rosario.ivo2@gmail.com

** Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. UFF - Universidade Federal Fluminense. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Niterói - Rio de Janeiro - Brasil. 24210-201 - mariangelariosdeoliveira@gmail.com

estudos do item lexical ou gramatical progressivamente foram incorporando outros elementos contextuais. Nesse ponto, destacamos as contribuições de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006). A partir dessas contribuições, foi se configurando o que modernamente chamamos de Linguística Funcional Centrada no Uso ou Linguística Cognitivo-Funcional, que se apropriou de termos, conceitos e ideias dos estudos cognitivistas.

Ainda na seção 1, discutimos algumas bases do Cognitívismo e o conceito fundante de construção gramatical (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001). A partir desses aportes teóricos, é possível postular que a estrutura da língua é forjada na experiência, tanto histórica quanto cotidiana, e que deriva de processos cognitivos de domínio geral. Assim, a visão de língua adotada não mais está centrada somente nos *tokens* empiricamente comprovados, ou seja, no material linguístico em si, mas em instâncias de maior abstração.

A seção 2 é destinada à discussão dos processos de construcionalização e mudança linguística. Nessa seção, fazemos as devidas associações desses processos de mudança com os mecanismos mais clássicos de gramaticalização e lexicalização. Tanto a construcionalização gramatical quanto a construcionalização lexical são focalizadas, em um quadro teórico que considera fundamentalmente três fatores de análise: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

Ainda na seção 2, apresentamos uma proposta de hierarquia construcional baseada nos estudos mais recentes sobre os processos de mudança linguística. Trata-se de uma proposta tripartite, que considera a existência de esquemas, subesquemas e microconstruções, que se concretizam nos chamados *construtos*.

A seção 3 apresenta a análise de um estudo de caso. Trata-se da construção conectora LocV, formada por locativo mais verbo, que se encontra analisada segundo o referencial teórico já apontado, com o objetivo de apresentarmos uma aplicabilidade concreta da abordagem construcional. Após essa etapa, apontamos algumas considerações finais.

Funcionalismo e Cognitívismo

Nesta seção, nosso foco é a correspondência entre as duas correntes teóricas que nos servem de base para o tratamento da gramática aqui proposto, com ênfase na gramaticalização – o viés funcionalista, de vertente norte-americana, na linha de Traugott (2008b), Bybee (2010), Givón (1979, 1995), entre outros, e o cognitivista, como proposto por Croft (2001), Goldberg (1995, 2006), Fillmore (1968), entre outros. Assim, destacamos, a seguir, os aspectos mais relevantes de cada um desses vieses, assinalando os paralelos que permitem estabelecer parceria entre ambas as abordagens, na perspectiva da mudança gramatical.

A versão funcionalista clássica e a contemporânea

Na fase inicial dos estudos funcionalistas voltados mais especificamente para mudança categorial no nível da gramática, que remontam à concepção da gramaticalização como trajetória de categorias lexicais a gramaticais, como se encontra em Meillet (1958), ou de categorias menos para mais gramaticais, de acordo com Kurylowicz (1975), é marcante o privilégio da pesquisa de itens isolados, do foco nos aspectos funcionais ou na trajetória específica destes itens. Durante esse primeiro período, basicamente a partir das décadas de 60 e 70 do século XX, o Funcionalismo se dedica à investigação da correlação *função > forma* no uso linguístico, na defesa ou no resgate das marcas icônicas deste uso. Ganham destaque no conjunto das pesquisas funcionalistas os estudos sobre gramaticalização, que se dedicam à detecção de trajetórias históricas de categorias em perspectiva mais atômica, preocupados especificamente com propriedades de forma ou de sentido caracterizadoras das referidas categorias. Na mudança por gramaticalização, o foco reside no levantamento de marcas redutoras, seja em termos funcionais, como os fenômenos de abstratização e polissemia que caracterizam a derivação categorial, seja em termos formais, na pesquisa da erosão, da perda de estrutura resultante do desgaste pelo uso.

Nessas décadas iniciais, ainda que se faça referência à importância de aspectos contextuais na mudança por gramaticalização, tal menção não é acompanhada por maior rigor ou critério, no sentido de que se definam e especifiquem, de fato, as propriedades do contexto em que determinado item é usado e seu papel em relação aos aspectos de sentido e forma. Referências a contexto em termos mais genéricos e pouco precisos são encontradas, por exemplo, em DeLancey (1993), para quem o ponto inicial da mudança linguística reside numa dada *construção produtiva*, e em Bybee (2003), em que a gramaticalização é assumida como a *criação de novas construções*.

Assim posto, o interesse da pesquisa funcionalista voltada para gramaticalização no período referido se volta de modo mais específico para questões atinentes a marcas funcionais de itens específicos ou, de outra parte, para seus traços formais. Como destaca Traugott (2015), embora a correlação *função > forma* tenha sido mencionada como concepção básica dos estudos funcionalistas, a pesquisa inicial tende a uma das duas vertentes, o que, de certo modo, se afasta conceitualmente do referido pressuposto básico. Exemplos da prevalência de uma das vertentes seriam os estudos de Lehmann (1985), acerca da trajetória de nomes relacionais a afixos, na ênfase da dimensão estrutural, ou ainda as investigações de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), sobre a derivação *habilidade > possibilidade epistêmica*, no nível do sentido.

Diante de tal quadro, e levando em conta o estado atual da pesquisa funcionalista norte-americana, temos nos referido a essa fase como a *versão clássica* do Funcionalismo. Trata-se de um momento fundamental na trajetória desses estudos, em que, face à proposta gerativista então vigente e de grande prestígio, de ordem

formalista e inatista, se apresenta, contrastiva ou complementarmente, um modelo de análise que resgata e redimensiona a importância do uso linguístico, relacionando-o a propriedades icônicas e destacando estratégias interacionais como motivadoras da gramática.

Atualmente, essa versão clássica, cujo foco recai numa perspectiva mais redutora de investigação e que produziu e tem produzido descrições e análises fundamentais para a pesquisa linguística, foi complementada e enriquecida com a ampliação do objeto de pesquisa. Na contemporaneidade, o Funcionalismo de vertente norte-americana amplia seu espectro de observação e incorpora, de modo mais efetivo, a dimensão contextual. Nesse sentido, destaca-se a abordagem holística e contingencial dos usos linguísticos, na consideração de que itens não ocorrem ou produzem sentido isoladamente, de que é preciso considerar as relações contextuais. Tal reorientação corresponde ao Funcionalismo na contemporaneidade e concebe a estrutura linguística como derivada de processos cognitivos gerais, de acordo com Bybee (2010). Os usos linguísticos são, nesse âmbito, entendidos como produto da experiência, da rotinização e da perspectivização na e pela linguagem, entre outras motivações. Embora fatores de ordem cognitiva já estivessem na agenda funcionalista norte-americana clássica, como os atinentes à iconicidade e à marcação, nos termos de Givón (1995, 1979), o refinamento desses fatores ganha relevo no século XXI, com a explicitação de propriedades contextuais e sua relação com processos cognitivos, no entendimento de que a cognição, derivada de pressões interacionais e da experiência sociohistórica, é manifestada contextualmente.

Tal enfoque, que é fruto de um realinhamento dos objetos de investigação linguística, tem consequências também na própria concepção de gramaticalização, que passa a incorporar de modo mais explícito a dimensão contextual, a cognitiva e a pragmática em suas definições mais recentes. Assumimos, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), uma concepção mais ampla de contexto, que incorpora o entorno linguístico, incluindo sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (escrita/falada), e que leva em conta ainda propriedades mais amplas, como as sociolinguísticas (perfil dos interlocutores, tempo e espaço da interação) e as discursivas (sequência tipológica, gênero discursivo).

Assim, encontramos em Traugott (2012) a mudança gramatical considerada como a teoria das relações entre pares de forma-sentido e sua provável direcionalidade ao longo do tempo. Trata-se, como se pode observar, de concepção ampla, que inclui explicitamente a dimensão contextual e que permite ainda inserir nesse espectro geral não só a gramaticalização como também a lexicalização. De acordo com tal perspectiva, a mudança linguística tanto pode ser tratada no nível da mudança procedural, que leva à migração categorial, no eixo da gramaticalização, quanto no nível da alteração somente de conteúdo, sem migração para classes mais fechadas, no eixo da lexicalização. O estágio atual da pesquisa funcionalista assim orientada tem sido nomeado de *linguística centrada no uso* ou *linguística cognitivo-funcional*, como se encontra em Bybee (2010),

Traugott e Trousdale (2013) ou, no Brasil, em Martelotta (2011), Oliveira e Cezario (2012), Oliveira e Rosário (2015), Teixeira (2015), Aguiar (2015) e Arena (2015), entre outros.

Outro reflexo da consideração holística do uso linguístico que marca a versão contemporânea do Funcionalismo reside no tratamento do binômio *função x forma*. Se, nas décadas iniciais, as análises se concentravam ora num ora noutro desses eixos, como aqui referido, a tendência atual é o tratamento mais integrado de ambos, a partir do pressuposto de que propriedades funcionais e formais se implicam mutuamente. Em vez da primazia do primeiro eixo, como motivador exclusivo do uso linguístico, marcado pela unidirecionalidade *função > forma*, temos hoje destacada a correlação de aspectos funcionais e formais na origem e fixação das categorias linguísticas, traduzida como direcionalidade *função < > forma*. Assim, é ampliada a dimensão da forma, num procedimento que equilibra ambos os eixos – o do sentido e o da estrutura. Consideramos que tratar tais dimensões com igual medida significa não só assumi-las como de mesma importância mas também, e principalmente, conferir à pesquisa funcionalista maior rigor e controle em seus critérios e procedimentos. A consideração de que aspectos funcionais e formais estão correlacionados leva à necessidade de explicitação e descrição desses aspectos, o que tem sido o foco do Funcionalismo contemporâneo.

Na esteira dessa vertente, a pesquisa funcionalista tem se voltado para o tratamento da dimensão contextual dos usos linguísticos, na consideração também dos processos de mudança, tal como destacado em Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (2012, 2015), entre outros. Esses autores assumem que ambiguidade pragmática e polissemia, consideradas fundamentais para a deflagração de estágios iniciais de mudança, devem ser investigadas justamente a partir da análise da dimensão contextual, ou em nível oracional, na análise de propriedades do entorno linguístico, ou ainda em termos mais amplos, na investigação de aspectos sociolinguísticos ou discursivos, a depender do tipo e da natureza do objeto de pesquisa.

Com base nessa concepção, Diewald (2002, 2006) propõe uma taxonomia contextual que contempla desde estágios originais ou preliminares até aqueles considerados já como os ambientes em que a mudança se fixa e se estabelece de modo mais cabal. A proposta de Diewald (2002, 2006) tem estreita correspondência com a de Heine (2002), na defesa de que, entre os usos originais e os convencionalizados via mudança gramatical, há contextos ambíguos e difusos, que são responsáveis pela trajetória rumo à fixação e à sistematização de novos usos, como ilustramos na seção *Estudo de caso* deste artigo.

Trazemos a seguir o quadro de Traugott (2012), que sintetiza as duas propostas de derivação contextual referidas:

Quadro 1 – Comparação da taxonomia contextual de Heine (2002) e Diewald (2002, 2006), com base na versão de Traugott (2012, p.9)

Heine	Diewald
Estágio 1: uso <i>normal</i>	Estágio 0: uso <i>normal</i>
Estágio 2: contexto <i>ponte</i> (pragmático, semântico)	Estágio 1: contexto <i>atípico</i>
	Estágio 2: contexto <i>crítico</i> (múltipla opacidade: pragmática, semântica e estrutural)
Estágio 3: contexto <i>switch</i> (gramaticalização)	Estágio 3: contexto <i>isolado</i> (gramaticalização: reorganização e diferenciação)
Estágio 4: convencionalização	

Fonte: Traugott (2012, p.9).

Como podemos observar pelo Quadro 1, Heine (2002) e Diewald (2002, 2006) concebem contexto como *cline*. Ambientes contextuais *normais*, atinentes a modos de expressão convencionalizados na comunidade linguística, se tornam ambíguos e passam a ser reinterpretados por motivações de ordem pragmático-discursiva, como *pontes* (Heine) ou *atípicos* (Diewald). Na sequência, para além da polissemia ou reinterpretação semântico-pragmática, ocorrem neanálises¹ ao nível da estrutura, em estágio mais avançado rumo à mudança gramatical, configurando fase de *mudança*² (Heine) ou *crítica* (Diewald). Por fim, o estágio considerado de fixação do novo uso é nomeado pelos autores como *convencionalizado* (Heine) ou *isolado* (Diewald).

A abordagem da mudança linguística como expansão contextual, em termos linguísticos, pode ainda ser detectada nos estudos de Himmelmann (2004), com destaque para o ambiente sintático em que determinado item ocorre. De acordo com o autor, gramaticalização é basicamente um processo de expansão de contexto em três níveis: a) mudança da *classe hospedeira*³, com a ampliação paradigmática de membros de uma dada categoria, face à entrada de novo membro na classe; b) mudança de contexto sintático, envolvendo metonimização, com rearranjo na ordem dos constituintes internos e conseqüente formação de uma nova sintaxe regular de expressão; c) mudança de contexto semântico-pragmático, considerada por Himmelmann (2004) como a mais importante, uma vez que envolve desbotamento de sentido, com ressemantização e uso anafórico associativo.

¹ Como Traugott e Trousdale (2013, p.36), inspirados em Andersen (2001), usamos neste artigo *neanálise* no lugar de *reanálise*, com base no entendimento de que não se pode analisar novamente uma estrutura recém-construída, que ainda não dispunha, até então, de análise anterior. Assim, toda mudança linguística é, de fato, uma nova e inaugural interpretação.

² No Quadro 1, optamos por manter o termo inglês *switch*, usado por Heine (2002).

³ Assim estamos traduzindo o termo *host-class*, muito usado pelo autor e por outros na literatura funcionalista atual.

Como visto, a importância da dimensão contextual e da cognitiva se amplia nos estudos sobre gramaticalização e conduz, paralela e conseqüentemente, à abordagem da mudança linguística como expansão. Nessa reorientação, ao foco de pesquisa clássico, caracterizado pela redução, se acrescenta outro, mais holístico e expandido, que incorpora o primeiro, o que tem permitido a pesquisa mais abrangente dos objetos em análise.

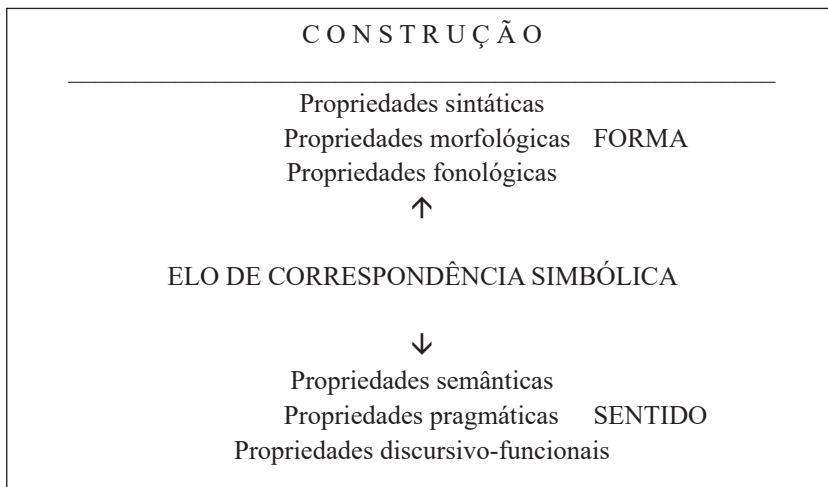
O Cognitivismo e a Construção gramatical

Do conjunto de pesquisas cognitivistas, distribuídas entre vertentes diversas, interessa aos estudos funcionalistas contemporâneos, de modo mais específico, aquelas voltadas para a descrição e a análise da construção gramatical. Nesse sentido, ganham relevo as contribuições de Croft (2001), Croft e Cruse (2004), Goldberg (1995, 2006) e Langacker (2008), além dos estudos de Fillmore (1968) sobre a semântica de *frames*, entre outros. Com base na consideração de que a estrutura da língua é forjada na experiência, tanto histórica quanto cotidiana, e de que deriva de processos cognitivos de domínio geral, o Cognitivismo passa a investigar também os usos efetivos em seu contexto de produção, aproximando-se, assim, do Funcionalismo.

Ponto fundamental nesse enquadramento teórico é a concepção de *construção gramatical*, definida por Goldberg (1995, 2006) como pareamento convencionalizado de sentido e forma, como esquema simbólico a partir do qual são instanciados todos os componentes da gramática. O sentido construcional é entendido como maior ou distinto em relação à soma do sentido de seus componentes; por outro lado, cada um dos componentes referidos concorre para que o sentido geral se instaure. Nesse modelo, o foco recai não em itens específicos, mas na instanciação de esquemas, na relação entre subpartes e seu nível de vinculação. Trata-se, portanto, de relevante aproximação com a abordagem da mudança gramatical por expansão, como referida na seção *Funcionalismo e Cognitivismo*, acerca do Funcionalismo contemporâneo.

Assim posto, a construção é assumida como unidade gramatical básica e fundante. A língua, por consequência, define-se como conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas. Uma versão esquemática dessa correspondência de traços semântico-sintáticos se encontra na proposta de Croft (2001, p.18), representada no Quadro 2:

Quadro 2 – Modelo de estrutura simbólica da construção radical



Fonte: Croft (2001, p.18).

De acordo com o Quadro 2, a construção se define como um feixe de propriedades correlacionadas em dois eixos centrais – o da forma e do sentido. Nesse modelo analítico, não há primazia de qualquer eixo, uma vez que o foco reside no próprio vínculo de correspondência simbólica que os marca. O mérito da proposta de Croft (2001) está também em permitir maior rigor à pesquisa nessa área, dado que se espera a detecção das seis propriedades referidas para a descrição interpretativa das construções, que se integram em rede de unidades convencionalizadas, denominada genericamente de *constructicon*⁴.

Ao sumarizar as dimensões passíveis de abordagem para as construções, Traugott e Trousdale (2013, p.13) apontam três perspectivas mais amplas e gradientes: tamanho, especificidade fonológica e conceptualização. Usando exemplificação do português, ilustramos a seguir, no Quadro 3, adaptado dos autores mencionados, as referidas dimensões:

Quadro 3 – Dimensões das construções

Tamanho	Atômica <i>café, -s (pl)</i>	Complexa <i>sei lá, por isso</i>	Intermediária <i>pós-graduação</i>
Especificidade fonológica	Substantiva <i>café, -eiro</i>	Esquemática <i>SV, Sprep</i>	Intermediária <i>Adj -mente</i>
Conceptualização	Conteudista <i>café, SV</i>	Procedural <i>-s (pl), por isso</i>	Intermediária <i>poder (modal)</i>

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de Traugott e Trousdale (2013, p.13) para o português.

⁴ Conjunto estruturado, hierarquizado e interconectado de construções de uma dada língua.

A partir do Quadro 3, se destacam três parâmetros, com base nos quais são classificadas as construções de uma dada língua; em cada um desses parâmetros - dois mais voltados para a forma e um terceiro para o sentido - além dos pontos extremos, se encontra o nível intermediário, no destaque da gradiência e da prototipicidade do *constructicon*. O primeiro dos parâmetros diz respeito à dimensão da construção, que a classifica em atômica (monomorfêmica, como desinência, ou palavra simples, destituída de vogal temática ou outro constituinte gramatical) e complexa (sintagma ou palavra composta), prevendo-se ainda um grupo intermediário, como o derivado por prefixação. A segunda dimensão é atinente à especificidade fonológica da construção, de modo que mais especificidade de preenchimento corresponde a menor esquematicidade virtual; com base nesse parâmetro, as construções se distribuem em mais substantivas ou idiomáticas, como frases feitas e termos lexicais, e mais esquemáticas e virtuais, como SV e SPrep, admitindo-se ainda grupo intermediário, como no esquema do português *adj-mente*. A terceira dimensão, voltada para o eixo do sentido, contempla o tipo de conceito veiculado, que pode ser mais lexical, como o de nomes e verbos, ou, por outro lado, mais procedural, como o de categorias gramaticais, como o de desinências ou conectores, levando em conta ainda, conforme os demais parâmetros, pontos intermediários, como, por exemplo, o sentido da modalização ou o da evidencialidade.

A tríade dimensional ilustrada no Quadro 3, disposta sob forma de *cline*, demonstra como a pesquisa funcionalista contemporânea, referida na subseção anterior, pode se interrelacionar à abordagem construcional da gramática. A proposta de correlação de duas dimensões formais (tamanho e especificidade fonológica) e uma dimensão semântica (conceptualização) destaca a maior vinculação *função < > forma*, assumida neste artigo como tendência atual dos estudos funcionalistas centrados no uso.

Assim, temos como desdobramento na interface Funcionalismo x Cognitivismo que: a) classes do léxico e da gramática partilham traços e se dispõem em trajetória; b) a unidirecionalidade do clássico *ciclo funcional* (GIVÓN, 1995) é tomada tão somente como direcionalidade, assumindo-se a conexão construcional em rede e seus cruzamentos; c) o uso linguístico passa a ser entendido em sua dupla face – como instanciação de construções, o *token* empiricamente comprovado, e ainda como o ambiente em que novas mudanças construcionais se originam, motivadas por fatores de ordem pragmático-comunicativa e cognitiva, além dos estruturais.

Construcionalização e mudança linguística

A mudança linguística, ao longo do tempo, vem recebendo diversos tratamentos a depender da filiação teórica dos investigadores que se debruçam sobre esse objeto de pesquisa. Desde a Antiguidade Clássica, diversas teorias vêm sendo postuladas para a explicação desse fenômeno natural que afeta todas as línguas vivas do mundo.

No campo do Funcionalismo de vertente norte-americana, os clássicos processos de gramaticalização e lexicalização por muito tempo despertaram a atenção dos pesquisadores e, sem dúvida, ainda são vitais para a pesquisa nessa linha de investigação teórica. Deve-se sublinhar, contudo, que ambos têm um foco mais atento ao desenvolvimento de itens particulares da língua. Na abordagem construcional da gramática, por outro lado, o foco está tanto em construções atômicas quanto complexas. Ademais, há interesse especial nos esquemas mais abstratos da organização linguística.

Com relação ao processo de gramaticalização, de acordo com o exposto na seção anterior, os autores em geral oscilam entre uma perspectiva de redução ou de expansão. Para alguns, a gramaticalização acarreta perdas como erosão fonética ou coalescência; para outro, esse processo leva a ganhos, como expansões pragmáticas e semânticas.

Apesar de parecerem posições antagônicas, essas abordagens são complementares. A verdade é que muitos aspectos da chamada gramaticalização por expansão decorrem de fatores da gramaticalização por redução. Por exemplo, a erosão fonética (redução), quando ocorre, normalmente acarreta ganhos de ordem semântico-pragmática (expansão).

As abordagens da gramaticalização por expansão podem ser associadas ao processo de construcionalização gramatical, definida como o desenvolvimento de funções procedurais e consequente aumento da produtividade. Focalizam especialmente a frequência e o grau de abstração de itens gramaticais. As abordagens da gramaticalização por redução, por sua vez, podem ser associadas à construcionalização gramatical com redução na composicionalidade e focalizam um item internamente ou um grupo de itens.

A abordagem construcional da gramática é uma teoria do uso. Assim, os processos de mudança linguística sempre emergem a partir da interação dos falantes, que negociam novos significados no curso da interação. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.1), nessa abordagem, a língua pode ser considerada como uma rede de pares de forma e significado. Essa rede, por sua própria natureza, apresenta diversos graus de instabilidade que conduzem ao processo de mudança linguística. A partir dessa visão, é possível postular a existência de dois grandes processos: a construcionalização e as mudanças construcionais.

Esses processos podem ser considerados como uma tentativa de reinterpretar os fenômenos de gramaticalização e lexicalização a partir de uma perspectiva construcional. Por outro lado, não são apenas rótulos diferentes para os mesmos fenômenos. Na abordagem construcional da gramática, um dos pontos que merece destaque é como a mente conceptualiza ou constrói a experiência do falante no mundo. Por conta dessa consideração, os graus de especificidade/esquematicidade, produtividade e composicionalidade, perpassados pela questão da (inter)subjetividade, são fatores fundamentais na análise linguística.

Construcionalização e mudanças construcionais

Segundo Bergs e Diewald (2008, p.5), o processo de construcionalização pode ser definido como “a formação de novas unidades (construções) a partir de materiais independentes até então”. Em outras palavras, trata-se da criação de um pareamento de forma nova com significado novo. Esse processo normalmente acontece por meio de neoanálises e analogias no campo pragmático, passando pelo campo semântico e, por último, pelo campo formal.

Partindo do nível pragmático, a construcionalização inicia-se a partir da negociação de inferências sugeridas que, com o tempo, se convencionalizam no nível do esquema (ou macroconstrução). Esse processo é similar à chamada expansão semântico-pragmática descrita por Himmelmann (2004). Com esse processo de mudança no nível pragmático, abre-se a possibilidade de mudança em outros níveis da gramática, como o fonológico e o morfossintático.

A construcionalização pode ser gramatical ou lexical. A *construcionalização gramatical* consiste no desenvolvimento de uma série de mudanças em micropassos no par forma e significado, de caráter mais procedural. A *construcionalização lexical*, por sua vez, está associada ao desenvolvimento de novos signos de forma e significado em que o polo do significado está associado primariamente com uma semântica mais concreta e o polo da forma com as categorias de nome, verbo e adjetivo.

As *mudanças construcionais*, por sua vez, definem-se como alterações que afetam os traços ou características de construções já existentes. Podem se dar no nível da forma ou do significado. Tais mudanças ocorrem a partir do uso linguístico, e nem sempre levam à emergência de novas construções.

As mudanças construcionais podem ocorrer tanto antes quanto depois do processo de construcionalização. As chamadas *mudanças construcionais pré-construcionalização* comumente associam-se a expansões semântico-pragmáticas e a pequenas mudanças distribucionais. As *mudanças construcionais pós-construcionalização*, por sua vez, tipicamente envolvem expansão colocacional e eventualmente reduções fonológicas e morfológicas.

A partir desses postulados, Traugott e Trousdale (2013, p.91-92) asseveram que a mudança linguística costuma seguir os seguintes passos:

1º - Inovação.

- O ouvinte interpreta o construto e o analisa de uma maneira diferente daquela que o falante expressou.
- O ouvinte reutiliza o construto com o novo sentido.

2º - Convencionalização.

- Outro ouvinte passa a utilizar o construto com o novo sentido em nichos específicos.

3º - Construcionalização.

- Quando a neanálise morfossintática e semântica convencionaliza-se na população de falantes, cria-se uma nova microconstrução.

4º - Pós-construcionalização.

- A nova microconstrução pode ser expandida e reorganizar-se em subesquemáticas.

5º - Redução de forma.

- O frequente uso do *token* ou obsolescência da construção podem levar a decréscimo de uso e até ao zero.

Na próxima subsecção, abordamos os fatores que comumente são recrutados para a análise dos processos de construcionalização e mudanças construcionais. Como destacaremos, muitos pressupostos são recuperados dos clássicos estudos de gramaticalização e lexicalização realizados até então.

Esquematicidade, produtividade e composicionalidade

No âmbito da perspectiva construcional da mudança linguística, três fatores ganham destaque: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Esses conceitos vêm sendo utilizados por Langacker (2005) e podem ser alinhados da seguinte forma: *esquematicidade* diz respeito a *escopo construcional* (o grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção); *produtividade* com *vitalidade construcional* (com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema construcional), e *composicionalidade* com *alinhamento construcional* (em que medida um esquema construcional é criado de maneira previsível ou não a partir de seus componentes).

a) Esquematicidade

Ao falar em esquematicidade, é fundamental aprofundar um pouco o conceito de esquema, a partir da abordagem teórica que adotamos. Esquema pode ser definido como uma generalização taxonômica que aponta para padrões de experiência rotinizados. São abstrações inconscientemente percebidas pelos falantes, já que delas se originam as diversas construções da língua.

Na visão que postulamos, o nível de esquematicidade deve ser considerado em um *continuum*. Assim, há construções bastante esquemáticas e abstratas, como há construções pouco ou medianamente esquemáticas. Tal gradiência tem a ver com os níveis de generalidade ou especificidade da construção. Por exemplo, a palavra *mosquito* é um item mais específico, e portanto menos geral do que *inseto*. *Animal*, por sua vez, é mais geral e menos específico do que *inseto*. No plano das relações gramaticais, *verbos*

intransitivos são mais específicos do que a grande categoria dos *verbos*. Os *adjetivos* são mais específicos e menos gerais do que os *nomes*.

Na visão de Goldberg (2006, p.98), os falantes não têm conhecimento apenas acerca dos itens específicos da língua. Ao contrário, o conhecimento esquemático ou generalizado também faz parte da cognição humana. A frase *Eu comi um bolo*, por exemplo, constitui-se a partir de um nível mais geral e esquemático do tipo *Suj V Obj*. É a partir desse esquema abstrato e geral que os falantes produzem a frase anterior e todas as outras formadas em língua portuguesa a partir de um sujeito, um verbo e um objeto direto, desde que mantenham similaridade com a semântica proposta pelo esquema.

O processo de criação de novos construtos a partir de um esquema mais geral é denominado *sanção*. Deve-se destacar, contudo, que nem sempre a sanção é total. Em alguns casos, a sanção parcial é tolerada, como um processo normal da língua. Essa tolerância à não convencionalidade é um fator importante para a mudança linguística e para a criação de novos esquemas, já que funciona como um gatilho para a inovação.

As construções abstratas podem licenciar construtos ainda não atestados na língua. Assim, podemos postular que a criatividade do falante, ao elaborar novas instanciações no processo comunicativo, decorre de seu conhecimento acerca dos esquemas da língua. Essas novas instanciações, por sua vez, podem, com o tempo, configurar um processo de mudança linguística, desde que avancem do nível da inovação para adiante.

b) Produtividade

Assim como acontece com a esquematicidade, a produtividade também é um fenômeno gradiente. Ao falar em produtividade, fazemos referência à questão da frequência, que é um fator altamente considerado desde o funcionalismo clássico.

Traugott e Trousdale (2013, p.17) afirmam que a produtividade de uma construção pertence ao nível dos esquemas e diz respeito a sua extensibilidade, ou seja, (i) o grau em que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas; (ii) o grau em que tais esquemas são restringidos.

Na abordagem construcional da gramática, especialmente no campo da produtividade, as pesquisas de Bybee (2003) revelam-se bastante úteis. Por exemplo, a distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*) é recuperada e associada respectivamente a *frequência de construção* e *frequência de construto*.

O item produtividade é uma das maiores contribuições dos estudos em gramaticalização e lexicalização à abordagem construcional da gramática. Afinal, desde os primeiros trabalhos na área, os pesquisadores vêm sublinhando a importância da frequência, que pode ser responsável pela rotinização e cristalização de novos usos na língua.

c) Composicionalidade

O terceiro fator, chamado composicionalidade, faz referência ao grau de transparência entre forma e significado no nível da construção. Na abordagem construcional da gramática, podemos distinguir dois tipos distintos: a composicionalidade semântica e a composicionalidade sintática.

Composicionalidade semântica diz respeito à soma dos significados das partes. Assumimos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. *Composicionalidade sintática*, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, no sentido de que quanto mais composicional, mais essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte.

De uma forma geral, o fenômeno de mudança linguística aponta para a redução da composicionalidade, tanto sintática quanto semântica. Tal constatação significa que progressivamente o sentido das partes vai ficando cada vez mais opaco, assim como a formação morfossintática da construção. Em alguns casos, já nem se pode mais prever os significados primários que originaram uma nova construção na língua. É o que verificamos, por exemplo, em frases feitas e provérbios e em casos de gramaticalização de conectores, como *todavia* e *embora*.

A análise desses três fatores permitiu à linguística centrada no uso a assunção de que o processo de construcionalização envolve aumento de produtividade e esquematicidade, mas diminuição de composicionalidade.

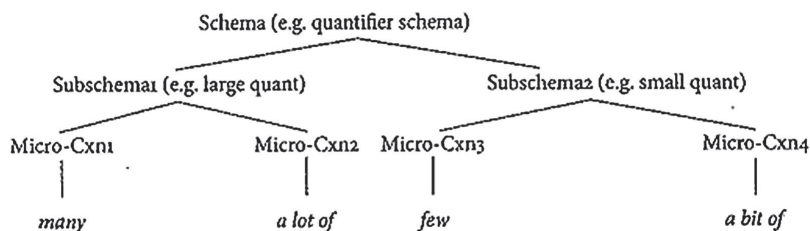
Hierarquia construcional: esquema, subesquema e microconstrução

Outra relevante contribuição da abordagem construcional da gramática consiste justamente no deslocamento do olhar analítico sobre um item da língua para todo o entorno que o envolve, bem como suas propriedades esquemáticas. Em outras palavras, ao analisar uma determinada instanciação, o esforço do pesquisador concentra-se em detectar os níveis mais abstratos e gerais que possibilitam sua gênese e desenvolvimento.

Existe, na perspectiva que adotamos, uma postulação teórica que organiza as construções em uma hierarquia composta por três níveis: *esquemas*, *subesquemas* e *microconstruções*. Esses três níveis explicam-se a partir dos graus de generalidade e abstração que os definem.

Traugott e Trousdale (2013, p.17) ilustram essa proposta, com base na construção quantificadora do inglês:

Figura 1 – Hierarquia construcional



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p.17)

Como pode ser observado a partir da Figura 1, no exemplo, o esquema é representado pela classe dos quantificadores, considerado como o nível mais alto da hierarquia construcional. Em nível intermediário, há dois subsquemas possíveis: os quantificadores que representam grande quantidade e os que indicam pequenas quantidades. Em nível imediatamente mais baixo da hierarquia, detectamos as microconstruções *many*, *a lot of*, *few* e *a bit of*, que se materializam no discurso por meio dos diversos construtos possíveis.

Conforme demonstram Traugott e Trousdale (2013) com a figura 1, todo falante da língua que detém conhecimento sobre um determinado conjunto de microconstruções naturalmente possui também conhecimento acerca dos subsquemas e esquemas que as instanciam, via de regra, de forma inconsciente.

Nesse modelo que adotamos, essencialmente baseado no uso, os construtos são as instanciações concretas da língua, ou seja, aquilo que os usuários efetivamente produzem. Segundo Bybee (2010, p.14), o construto ajuda a modelar a representação mental da língua e é o lócus da inovação. Afinal, é por meio dos construtos que os falantes corporificam a linguagem.

Vale destacar que as inovações no nível dos construtos associam-se a níveis mais abstratos das construções, possibilitando a emergência de novos usos. A replicação dessas ocorrências naturalmente leva a formações inovadoras na língua, já que a necessidade por maior expressividade está presente no idioma. Essas novas formações podem efetivar-se no sistema linguístico ou simplesmente tornarem-se obsoletas ou até mesmo desaparecerem por completo.

Estudo de caso – a construção conectora LocV

A fim de demonstrarmos a aplicabilidade da abordagem construcional da gramática, no contexto da linguística centrada no uso, tratamos nesta seção de um de nossos objetos de pesquisa⁵. Estamos nos referindo à construção conectora textual formada por

⁵ Os dados aqui trazidos fazem parte de pesquisa integrada, apoiada pelo CNPq e Faperj, desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF, como descrito no site <http://discursoegramaticauuff.blogspot.com.br/>

pronome locativo (Loc) e verbo (V), doravante referida como LocV_{CONEC}. A LocV_{CONEC} constitui-se num tipo de pareamento semântico-sintático altamente integrado, em que a perda de composicionalidade, correspondente ao esvaimento de propriedades das categorias de suas subpartes – Loc e V, é compensada por ganho em esquematicidade, tal como defendido em Oliveira e Rocha (2011) e Rocha (2011). Levando-se em conta o Quadro 3, apresentado aqui na subseção *O Cognitivism e a construção gramatical*, classificamos a LocV_{CONEC} como uma construção: a) complexa, porque formada de duas subpartes; b) esquemática, pela alta convencionalização de que se reveste; c) procedural, pelo conteúdo gramatical veiculado.

Os dados que apresentamos nesta seção pertencem ao *site Corpus* do Português, disponível em www.corpusdoportugues.org. Trabalhamos com fragmentos do português europeu (PE) e do português brasileiro (PB), na modalidade escrita, com foco em análise qualitativa e levando em conta ainda aspectos quantitativos, numa perspectiva histórica⁶.

A classe dos conectores é considerada mais avançada no *cline* da mudança linguística face a outras de tipo lexical, como nomes ou verbos. Assumimos que essa classe é veiculadora de conteúdo procedural e mais abstrato, no estabelecimento de relações lógico-textuais, e que resulta de mudança construcional ou construcionalização. Nessa trajetória, formações mais composicionais dão lugar, via neoanálises e inferências, a usos mais esquemáticos e cumpridores de função gramatical, que têm sua seleção e frequência motivadas por fatores de ordem pragmático-discursiva, tais como os seguintes, do português contemporâneo:

(1) Deve fazer umas quadrinhas novas... Porque não faz? - Fiz já. - Pode recitar? - Pois não. - Diga lá. - **Lá vai**: Ai, Filomena, Se eu fosse como tu, Punha uma máscara Na cara do Dudu. (19:Fic:Br:Barreto:Urbana)

(2) Conheci, mais e de súbito, que essas confissões de autores são coisa perigosa: se se diz pouco, parece simplicidade afetada e insincera; se se diz um tanto mais, parece fatuidade e pedanteria. Quis fugir à resposta; mas estava preso pela promessa. Palavra de tabaréu não torna atrás... **Aí vai**, pois. Em mim o caso literário é complicadíssimo e anda tão misturado com situações críticas, filosóficas, científicas e até religiosas, que nunca o pude delas separar, nem mesmo agora para lhe responder. (19:Fic:Br:Rio:Momento)

Em (1) e (2), os construtos **lá vai** e **aí vai** instanciam, respectivamente, a LocV_{CONEC}. Trata-se de usos altamente vinculados, nos quais os traços das categorias originais de suas subpartes se esvaem, em prol da formação de um todo semântico-sintático, que atua na articulação de porções textuais mais amplas, conectando-as. Menos composicionais e mais esquemáticas, tais formações passam a integrar outra categoria da língua, a dos conectores, em posição marginal, ou menos prototípica.

⁶ A LocV_{CONEC} é objeto da tese de doutoramento de Rossana Alves Rocha, pesquisa atualmente desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. Os dados aqui apresentados foram trabalhados no exame de qualificação da doutoranda, aprovado em 2014.

Por sua produtividade e registro mais antigo no *corpus* analisado, assumimos que **aí está** é a microconstrução exemplar da $LocV_{CONEC}$, no termos de Bybee (2010). Trata-se do *type* mais recorrente em usos contemporâneos do português e que pode servir de base analógica para novas instanciações da $LocV_{CONEC}$. Estamos nos referindo a usos como:

(3) O melhor era fazer como todos os homens, até casados, até recém-casados. O melhor era fazer como o pai. **Aí está**. Joaquim por mais que expulsasse a lembrança amarga daquela noite da Rua das Flores era constantemente perseguido por ela. Daí a timidez de suas primeiras aventuras, nome com que ele dourava a sentida sordidez dos coitos pagos à vista. Uma aventura, uma conquista. Parecia um criminoso. Escolhia horas adiantadas da noite, se exasperava quando custavam para abrir a porta e ele ficava sujeito às olhadas dos transeuntes, exigia um quarto bem trancado, tapava o buraco da fechadura. Inutilmente procurava se confortar. (19:Fic:Br:Castilho:Maria)

Sequências tipológicas dissertativas, como a ilustrada em (3), constituem-se em contextos privilegiados para a articulação da $LocV_{CONEC}$. Trata-se de fragmentos marcados por (inter)subjetividade e por inferências partilhadas, conforme defendem Traugott e Dasher (2005). Assumimos aqui que esses ambientes contextuais motivam instanciações da $LocV_{CONEC}$, dado que tal esquema articula relações lógico-textuais que concorrem para a exposição e a defesa de ponto de vista. É o que ocorre em (3), em que o construto **aí está**, margeado por pausa maior e conectando duas porções textuais, atua em prol do que o locutor procura defender, ou seja, o comportamento tímido e pouco convencional da personagem Joaquim.

Nos textos do português contemporâneo pesquisados⁷, no termos de Diewald (2006, 2002), foram levantados 59 contextos isolados de instanciação da $LocV_{CONEC}$. Desse conjunto, 27 são da microconstrução **aí está**, como ilustrado em (3), o que perfaz a metade dos dados gerais.

Além da maior produtividade de **aí está** nas fontes contemporâneas, correspondentes ao século XX, a exemplaridade dessa microconstrução se manifesta também nos registros de sua instanciação em sincronias mais antigas da língua. Defendemos que o *cline* de construcionalização de **aí está** tem registro a partir, pelo menos, do século XV, em que detectamos o contexto normal (DIEWALD, 2002), no qual *Loc* e *V* preservam traços de sua categoria fonte, tal como a seguir:

(4) Capitulo XVIII^o como o comde pos primeiramente as atallaias & em que lugares, & como os mours vieram, & da escaramuça que hii ouve. Amtre as cousas que o comde ordenou pera guarda da çidade assy foram as atallaias, as quaes foram postas logo primeiramente sobre Barbaçote, em hû outeiro que **hii está**. & no dia seguymte que hordenarão mamdou o comde hû de cavallo que fosse por hos homês ã ellas, o qual, amdando çercamdo a çidade pera descobrir

⁷ Conforme apresentado mais adiante nesta seção, por intermédio da Tabela 1, destacam-se os 59 dados referidos entre os 565 dados gerais de uso de *Loc* e *V* contíguos.

allgûs mouros, se hos hii avia, sayram a elle hûa soma delles que jaziam escondidos & começarão de ho seguyr. (Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, 1400-1500)

No fragmento (4), extraído de texto de base narrativa, **hii está** faz referência anafórica a um espaço (outeiro) que efetivamente se localiza em lugar determinado. Assim articulado, **hii está** configura-se como arranjo lexical, que concorre para o *frame* espacial a emoldurar toda a cena para o relato. Cada subparte de **hii está** mantém sua integridade semântico-sintática, evidenciando a maior composicionalidade e a diminuta esquematicidade desse arranjo.

Nas fontes do século XVI, se mantém a exclusividade de contextos normais nas instanciações de Loc e V. Até esse século, somente encontramos Loc e V usados como efetivos advérbio e verbo, respectivamente. Defendemos que a construcionalização posterior, que deriva na $LocV_{CONEC}$, tem origem na ordenação pré-verbal de Loc, considerada recorrente em fase antiga na língua. Como demonstra Martelotta (2012), sincronias mais antigas do português exibem maior variabilidade posicional do advérbio face ao verbo. Essa variabilidade, em fases mais recentes, principalmente a partir do século XIX, tende a diminuir, em prol de tendência à ordenação pós-verbal. Nesse sentido, a $LocV_{CONEC}$ é interpretada por nós como originada da antiga tendência pré-verbal de ordenação de Loc.

No século XVII, a par dos contextos normais, como (5), levantamos dados que se configuram como contextos atípicos (DIEWALD, 2002), como (6):

(5) Então o presidente disse em segredo para alguns dos seus oficiais: Chamai aqui logo a Filemon, porque ele, com suas graças e trejeitos e música dulcíssima, sem dúvida há-de amansar a este emperrado. Buscado Filemon onde não estava, como havia de aparecer? “Senhor (disseram os oficiais) não o pudemos achar”. Tinha ele um irmão chamado Teon, ou Teonas; a este perguntou o presidente: Que é feito de teu irmão? E ele, como sabia do disfarce, respondeu logo: É esse que **ai está** em tua presença. Foi logo descoberto e conhecido; e o presidente, entendendo que o fizera por via de entremês, para dar que rir a todos, desfechou a rir e disse: “Já sabemos que és nascido para (...) (Manuel Bernardes, Nova Floresta, 1688)

(6) Bom amigo he o gatto, se nam arranhasse. C. Caõ de palheiro nem come, nem deixa comer. Comadres, & vizinhas, as reuezes ham farinhas. Como te fizer teu compadre, assi lhe faze. Companhia de dous, companhia de bons. Companhia de tres he mà res. Contas na mãõ, & o olho ladram. Cuida o mentiroso, que tal he o outro. D. Dadiua roim a seu dono parece. Debaixo de boa palaura, **ahiestá** o engano. Debaixo de bom sayo, está o homem mao. De roim a roim, pouca he a melhoria. De roim a roim quem acomette, vence. Des que maos chorei, quada dia me cresce porque. De tais romarias tais perdoens. De tal gente tal semente. Do sangue misturado, & de moço refalsado, me liure Deos. Diz a caldeira à sertam: tirtre lá, nam me luxes. Dobrada he a maldade, feita com cor de verdade. Do fogo (Adagios, Antonio Delicado, 1651)

Em discurso direto, no fragmento (5), **aí está** exibe maior composicionalidade, com a referência anafórica de Loc ao sujeito oracional, a manutenção do caráter dêitico de Loc, no apontamento do interlocutor, e a permanência do conteúdo pleno de V. Já em (6), o contexto apresenta-se mais abstrato e subjetivo. Integrante de uma sequência expositiva de adágios, **ahiestá** surge em (6) mais vinculado internamente e anteposto ao sujeito não-prototípico *o engano*. Tal configuração concorre para que o sentido de Loc e V se torne mais abstrato, convidando a que sejam interpretados como uma só estrutura, em termos formais, e um só sentido, dado que se destaca certa função evidencial ou mostrativa. Consideramos contextos como (6) a etapa efetivamente inicial da mudança que deriva na construcionalização LocV_{CONEC}.

No século XVIII se mantém o quadro do século anterior com o registro de contextos normais e atípicos de Loc e V. A seguir, apresentamos um dos fragmentos de uso atípico referido:

(7) De versu agitur à pag. 329. 13. * Vertex, icis, || redemoinho de vento, ou de agoa: moleira da cabeça, cume de qualquer cousa, pólo do Ceo. 151. 2. * Verto, is, || volver, virar, verter, mudar, revolver, * Activ. Vertis id mihi vitio, || attribuis-me, imputais-me isso a vicio. * In eo res vestimur, || **ahi está** o ponto da cousa, nisso consiste 194. 24. 233. * fin. Veru, u, || espeto, ou zaguncho, * dativ. & abl. Pl. Verubus. 125. 18. Vervex, ecis, || o carneiro castrado. 309. 3. * Vesanus, a, um, || cousa louca, sem onse, furiosa: * Vesania, ae, || falta de onse, ou loucura 304. * fine. Vescor, eris, || comer, apascentar-se, sustentar-se: * Apud Virg. Vesci aurâ, || viver 178. * fin. 226. 6. 21. Vesper, (Manuel Alvares, Gramatica, 1744)

Em (7), num compêndio gramatical, à guisa de explicação de termo latino, encontramos **ahi está** antecedido pelo sujeito não-prototípico *o ponto da cousa*. Trata-se de contexto muito semelhante a (6), em que, também em sequência expositiva, Loc e V se encontram mais pareados, em termos de sentido e forma, licenciando leitura mais integrada de ambos os constituintes.

Somente nos dados do século XIX levantamos os usos mais vinculados de Loc e V, incluindo-se aí os mais convencionalizados, como instanciações da LocV_{CONEC}. Apresentamos, a seguir, os quatro contextos de ocorrência, com base na taxonomia de Diewald (2002, 2006), referida anteriormente:

(8) – Está enganado, Sr. Abade – veio-lhe à mão Clemente. – Fosse um criminoso que me pedisse de comer e de beber, quando passasse à minha porta, eu, com ser regedor, não lho recusaria. O que a minha casa não há-de ser, isso não, é esconderijo de ladrões, de malvados e de refractários; nem sei que grande glória venha daí a quem tanto mal faz à sociedade, não deixando que se cumpram as leis. O vinho **aí está**. Efectivamente apareceram dois rapazes, empunhando cada qual uma caneca a transbordar de puríssimo vinho verde, que os dois caçadores esvaziaram de um fôlego. (18:Dinis:Fidalgos)

(9) O imperador que apoiou o sr. Dantas, negando indenização pelos negros de 60 anos, se prestará também a apoiar a política da indenização? Que papel ficará fazendo este país, se consentir em qualquer das duas hipóteses? Não reconhecerá ele finalmente que tem sido governado por uma facção, assalariada pelo Tesouro e decidida a tudo empenhar para garantir o salário? Deixamos aí de pé esta série de interrogações. A lógica da História faz destas emboscadas. Quem transigir com a pirataria **aí está** a consequência. O direito natural diz: ninguém pode reduzir a cousa pessoa humana. A religião diz: é inviolável na sua liberdade a imagem de Deus sobre a Terra. (18:Patrocínio:Campanha)

(10) E por isso, disse ao pequeno a verdade: disse-lhe que num momento de loucura, o papá tinha dado um tiro em si.. – E ele? – E ele, replicou Afonso sorrindo, perguntou-me quem lhe tinha dado a pistola, e torturou-me toda uma manhã para lhe dar também uma pistola.. E **aí está** o resultado dessa revelação: é que tive de mandar vir do Porto uma pistola de vento.. Mas, sentindo Carlos em baixo, aos berros ainda pelo avô, os dois apressaram-se a ir admirar a corujazinha. Vilaça ao outro dia partiu para Lisboa. Passadas duas semanas, Afonso recebia uma carta do administrador, trazendo-lhe, com a adresse da Monforte, uma revelação imprevista. Tinha voltado a casa do Alencar; e o poeta, recordando outros incidentes da sua visita a Mme. De l' (18:Queirós:Maiais)

(11) Com que direito intervém? Eu tenho ou não tenho razão? Fui ou não fui caloteado? Eusébio – Home, o sinhô se cale! Olhe que eu sou mineiro! Lourenço – Não me calo, ora **aí está!** E declaro que não me retiro daqui sem estar pago e satisfeito! (Senta-se) Eusébio – Seu home, olhe que eu..! Lourenço (Erguendo-se) – Eh! Lá! Eh! Lá! Agora sou eu que lhe digo que se cale! O senhor não tem o direito de abrir o bico.. Lola (Chorando) – Que vergonha! Que vergonha! Eusébio (À parte) – Coitadinha.. Lourenço – A princípio supus que o senhor fosse o amante desta senhora. (18:Azevedo: Capital)

Em (8), **aí está** configura-se como contexto normal; trata-se do uso menos esquemático e mais composicional levantado nos dados, referente ao nível lexical e às primeiras formações encontradas para esse arranjo, detectadas desde o século XV. Em (9), tal como verificamos em (6) e (7), correspondentes, respectivamente, a fragmentos dos séculos XVII e XVIII, situa-se o contexto atípico, em que a posposição de sujeito não prototípico, como a *consequência*, passa a licenciar interpretação mais abstrata e integrada de **aí está**. Já em (10), contexto somente detectado a partir do século XIX nas fontes pesquisadas, o nível de vinculação semântico-sintática de Loc e V se incrementa; além da posposição do sujeito não-prototípico *o resultado dessa revelação*, característica do contexto atípico, ocorre pausa antecedendo a Loc, fazendo com que **aí está** assuma propriedades de contexto crítico, numa etapa mais avançada de vinculação semântico-sintática de ambos os constituintes. Na sequência, em (11), encontramos **aí está** como efetivo contexto isolado, como instanciação da LocV_{CONEC}; nesses ambientes, a composicionalidade de Loc e V se encontra bastante comprometida, em prol do aumento de sua esquematicidade; as propriedades de cada subparte se esvaem e traços da classe dos conectores se salientam no todo que Loc e V passam a constituir.

O contexto isolado da LocV_{CONEC} configura-se como etapa final de construcionalização gramatical, dado que ocorre a formação de um novo pareamento semântico-sintático na língua, cumpridor de função procedural, que passa a integrar, ainda que marginalmente, a classe dos conectores. Trata-se, portanto, de gramaticalização por expansão, que cria um novo esquema e que possibilita, via neanálise e analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a emergência de novos usos.

Os dados levantados para o século XX ratificam o que se encontra no século XIX, destacando a gradiência e a prototipicidade categorial defendida por Bybee (2010). No já referido *Corpus do Português*, banco de dados utilizado em nossa pesquisa, selecionamos seis microconstruções do esquema LocV_{CONEC}, a saber: **aí está**, **lá está**, **aqui está**, **lá vai**, **aí vem** e **aí vai** nas fontes do português contemporâneo, levando em conta o tipo de contexto articulado. Os referidos *types* foram escolhidos por conta de sua recorrência de uso face a outros. A seguir, apresentamos a frequência de contextos em que Loc e V são ordenados contiguamente e os classificamos por contexto, com base na proposta de Diewald (2002, 2006), por seu maior nível de refinamento do contínuo contextual face à classificação de Heine (2002):

Tabela 1 – Frequência de contextos de LocV no português contemporâneo

Contexto	Aí está	Lá está	Aqui está	Lá vai	Aí vem	Aí vai	TOTAL
Normal	44	131	68	44	28	8	323
Atípico	51	5	11	15	9	7	98
Crítico	29	4	6	29	6	11	85
Isolado	27	4	9	3	13	3	59
TOTAL	151	144	94	91	56	29	565

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos observar pela Tabela 1, **aí está** tem uso mais frequente e, questão fundamental, é o que registra maior número de contextos isolados, ou seja, de uso mais gramaticalizado, como conector; dos 59 dados de contexto isolado, entre 565 gerais, 27 são *tokens* de **aí está**. A segunda microconstrução mais instanciada é **aí vem**, com 13 registros de contexto isolado, entre os 59 gerais de sua ocorrência. Segue-se **aqui está**, com nove *tokens* de contexto isolado, e depois, com menor frequência, casos esporádicos de **lá está**, **lá vai** e **aí vai**. No caso do *type* **aí vai**, destaca-se que também apresentou registro mais distinto, com maior número de dados em contexto crítico do que em contexto normal. Para a detecção dos contextos, foram usados os mesmos critérios apresentados para a análise dos registros de **aí está** nas distintas sincronias do português.

Focalizando os registros por contexto, verificamos que o normal, correspondente ao nível lexical e mais composicional de Loc e V, mantém-se como o mais produtivo em relação a quatro dos seis padrões pesquisados – são 323 dados em 565 gerais. Somente **aí está** registra maior frequência de contextos atípicos do que normais,

além de ser o type mais produtivo e com maior frequência de uso em contexto isolado, o que se torna mais uma evidência da exemplaridade desse padrão como efetiva microconstrução prototípica da $LocV_{CONEC}$ face aos demais. Em números absolutos, a frequência de cada contexto é proporcional ao *cline* proposto por Diewald (2006, 2002) e também por Heine (2002), dado que se pode estabelecer a seguinte correspondência derivacional:

Esquema 1 – *Cline* de frequência contextual de $LocV$ no português contemporâneo

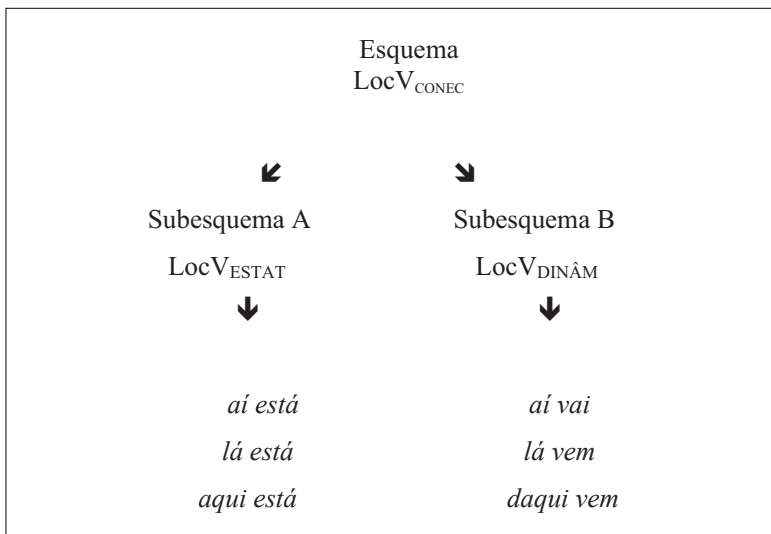
contexto normal	>	contexto atípico	>	contexto crítico	>	contexto isolado
↓		↓		↓		↓
323		98		85		59

Fonte: Elaboração própria.

Considerando-se que a gradiência contextual ilustrada no Esquema 1 corresponde à trajetória de construcionalização da $LocV_{CONEC}$ no português e levando em conta ainda os dados obtidos por intermédio da pesquisa diacrônica, podemos chegar a algumas considerações relevantes. Uma delas é que estamos diante de um esquema mais recente da língua, que resultou em gramaticalização iniciada pelo menos no século XVII, na articulação de contextos atípicos e que culminou no século XIX, com o registro de ocorrência de contextos isolados. Com a criação desse novo pareamento, mais um membro integra-se à classe dos conectores. Tal pareamento é classificado como formação complexa, esquemática, procedural e pouco composicional da língua.

Em nível interno, a $LocV_{CONEC}$ se revela altamente integrada, com suas subpartes concorrendo para a formação de um novo sentido e uma nova função. Tal esquema se desdobra em subesquemas, a depender do tipo semântico do V instanciado – se locativo estativo, como *estar*, ou dinâmico, como *ir* ou *vir*; os subesquemas, por sua vez, se distribuem em microconstruções, como, no caso do subesquema estativo, os *types aí está, lá está e aqui está*. O Esquema 2, a seguir, demonstra a hierarquia construcional proposta:

Esquema 2 – Hierarquia construcional da LocV_{CONEC}



Fonte: Elaboração própria.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, foi possível constatar como os estudos na interface Funcionalismo x Cognitivismo são frutíferos, propiciando uma rica e promissora agenda de pesquisa linguística. Entre os diversos temas que podem ser desenvolvidos nesse âmbito, destacamos a questão da categorização gramatical e lexical, o processo de direcionalidade e o olhar mais amplo sobre nossos objetos de estudo, focalizando-os no nível do construto e, ao mesmo tempo, em dimensões mais gerais e abstratas da organização linguística, permeadas por fatores de ordem pragmático-comunicativa e cognitiva, além dos estruturais.

Nessa nova perspectiva, a gramaticalização continua tendo seu papel e importância, mas é redimensionada em pelo menos duas vertentes: por expansão e por redução. As abordagens da gramaticalização por expansão podem ser associadas ao processo de construcionalização gramatical, definida como o desenvolvimento de funções procedurais e consequente aumento da produtividade. Focalizam especialmente a frequência e o grau de abstração de itens gramaticais. As abordagens da gramaticalização por redução, por sua vez, podem ser associadas à construcionalização gramatical com redução na composicionalidade e focalizam um item internamente ou um grupo de itens.

Na abordagem construcional da gramática, surgem três fatores fundamentais: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Vistos de forma gradual e relacionada, esses fatores perpassam a questão da (inter)subjetividade e conferem rigor aos procedimentos de análise. No plano construcional, esses fatores podem ser

associados da seguinte forma: *esquematicidade* diz respeito a *escopo construcional* (o grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção); *produtividade* com *vitalidade construcional* (com que frequência novas instâncias podem ser geradas por um esquema construcional), e *composicionalidade* com *alinhamento construcional* (em que medida um esquema construcional é criado de maneira previsível ou não a partir de seus componentes).

O artigo propôs uma aplicação da abordagem construcional à construção conectora textual LocV_{CONEC}. A partir da base teórica adotada, foi possível postular que LocV_{CONEC} é uma construção: a) complexa, porque formada de duas subpartes; b) esquemática, pela alta convenção de que se reveste; c) procedural, pelo conteúdo gramatical veiculado.

Por sua produtividade e registro mais antigo no *corpus* analisado, constatamos que **aí está** é a microconstrução exemplar, no termos de Bybee (2010), da LocV_{CONEC}. Trata-se do *type* mais recorrente em usos contemporâneos do português e que pode servir de base analógica para novas instanciações da LocV_{CONEC}.

Reiteramos que a reflexão apresentada ao longo deste artigo ilustra como o diálogo entre teorias pode ser produtivo para as pesquisas científicas na Linguística. A incorporação de pressupostos teóricos cognitivistas às pesquisas funcionalistas de vertente norte-americana contribui para um olhar mais holístico sobre os fenômenos da linguagem, como ficou explícito na análise da construção conectora LocV_{CONEC}. Nessa abordagem, o componente cognitivo passa a receber um maior rigor e sistematização na pesquisa científica na mesma medida em que as questões formais, ligadas à estrutura linguística, também passam a receber maior atenção, equilibrando-se a correlação *função* < > *forma*. Assim, esperamos que outras pesquisas, tanto teóricas quanto empíricas, possam se somar à proposta apresentada, com um progressivo aprofundamento da chamada *abordagem construcional da gramática*, ampliando a descrição e a análise da rede de construções do português.

ROSÁRIO, I.; OLIVEIRA, M. Functionalism and Constructional Approach of Grammar. *Alfa*, São Paulo, v.60, n.2, p.233-259, 2016.

- **ABSTRACT:** *This paper presents, discusses and illustrates the direction of functionalist research in its latest orientation, in a dialogue with cognitive studies. As a result of this interrelation, we highlight the constructional approach to grammar, when it emphasizes the pairing function x form, which marks the linguistic expressions. Besides pointing out the theoretical and methodological gains that such dialogue has brought to the Functionalism, this article also refers to the specificities of both theoretical aspects and necessary adjustments in order to develop research from this view. The treatment of grammar in the holistic perspective and accuracy in detecting properties of meaning and structures which mark the linguistic usages are considered positive and promising biases of functionalist research in a constructional approach.*
- **KEYWORDS:** *Functionalism. Constructionalization. Constructional change. Cognition.*

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. T. **A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português**. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

ANDERSEN, H. Actualization and the (uni)directionality. In: ANDERSEN, H. (Ed.). **Actualization: linguistic change in progress**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.225-248.

ARENA, A. B. **Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso**. 2015. 186 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

BERGS, A.; DIEWALD, G. (Ed.). **Constructions and language change**. Berlin: Mouton de Gruyter. 2008.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; RICHARD, D. J. (Ed.). **The handbook of historical linguistics**. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p.624-647.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world**. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DELANCEY, S. Grammaticalization and linguistic theory. In: GARCIA, J. G.; ROOD, D. S. (Ed.). **Proceeding of the 1993 Mid-America linguistics conference and Conference on siouan/caddoan languages**. Boulder: University of Colorado, 1993. p.1 -22.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions**, Düsseldorf, 2006. Disponível em: <www.constructions-online.de/0009-4-6860>. Acesso em: 10 set. 2015.

DIEWALD, G. A model of relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p.103-120.

- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. (Ed.). **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968. p.1-88.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.
- GOLDBERG, A. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Ed.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p.83-101.
- HILMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W. et al. (Ed.). **What makes grammaticalization?** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p.21-42.
- KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. In: KURYLOWICZ, J. **Esquisses linguistiques II**. Munich: Wilhelm Fink Verlag, 1975. p. 38-54.
- LANGACKER, R. Construction grammars: cognitive, radical and less so. In: MENDONZA IBANEZ, R. ; PENA CERVEL, S. (Ed.). **Cognitive Linguistics: internal dynamics and interdisciplinary interaction**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p.101-159.
- LANGACKER, R. **Cognitive grammar: a basic introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.
- LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. **Lingua e Stile**, Bologna, v.20, p.303-318, 1985.
- MARTELOTTA, M. E. Advérbios: conceito e tendências de ordenação. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas**. Niterói: Ed. da UFF, 2012. p.13-96.
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In : MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1912. p.230-280.
- OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (Org.). **Linguística centrada no uso: teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.
- OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas**. Niterói: Ed. da UFF, 2012.

OLIVEIRA, M. R.; ROCHA, R. A. As expressões “daqui vem” e “daí vem” como instanciações da construção LOC + SV no português contemporâneo. **Caligrama**, Belo Horizonte, v.16, p.155-176, 2011.

ROCHA, R. A. **As construções “daqui vem” e “daí vem” no português do Brasil**. 2011. 97 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2011.

TEIXEIRA, A. C. M. **A construção verbal marcadora discursiva VLocmd: uma análise funcional centrada no uso**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. In: KYT, M.; KYTÖ, M. (Ed.). **English corpus linguistics: crossing paths**. Amsterdam: Rodopi, 2012. p.221-255.

TRAUGOTT, E. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: BARÐDAL, J. et al. (Ed.). **Diachronic construction grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p.51-80. (Constructional Approaches to Language, 18).

TRAUGOTT, E. C. “All that he endeavoured to prove was ...”: on the emergence of grammatical constructions in dialogal and dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Ed.). **Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution**. London: Kings College Publications, 2008a. p. 143-177. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottCooperKempson.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.). **Variation, selection, development: probing the evolutionary model of language change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008b. p.219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Recebido em setembro de 2015

Aprovado em novembro de 2015

